

Francisco Quirino e a Gazeta de Campinas

O conspicuo José Roberto de Azevedo Marques, fundador do "Correio Paulistano", que tinha a paixão do ofício e a acuidade de um grande jornalista, muito embora não chegasse a grande redator, acompanhando a vida brilhante de Quirino dos Santos no curso acadêmico, as suas agitações das rodas literárias e as suas impetuosas escaramuças na campanha abolicionista, percebeu nele as qualidades que, então, mais recomendavam o jornalista ao conceito público.

Acolhendo-o no "Correio Paulistano" quando Quirino ainda cursava a Academia de Direito, e tendo-o depois como genro, era natural que o velho jornalista desse ao genro o enestilístico arrebatado nas colúsejo de expandir o seu estro nas de um outro jornal, nos trabalhos da propaganda. Campinas era o centro indicado para esse lançamento: cidade importante do Interior e centro de convergência de tropeiros, viajantes e abridores de fazendas que não chegavam a São Paulo, possuindo, já então, vida própria e das melhores, e um alicerce de numerosas e sólidas fortunas particulares, era ali que ele sentiu que o novo jornal devia ser lançado.

Nasceu, então, a "Gazeta de Campinas", a 31 de outubro de 1869 e conseguiu, de início, 500 assinantes, número positivamente animador, porque o "Correio Paulistano", jornal da capital, levava sua tiragem a pouco mais de 1.500. Ao jornal

acorreram os componentes das antigas "republicas" estudantinas, já então formados, e em plena atividade — Campos Sales, Jorge Miranda, Bernardino Campos, João Quirino, aos quais vieram juntar-se logo, em correspondência ou colaboração regular, amigos de cidades distantes e o grupo propagandista da Corte, que reconhecia em Quirino um dos seus mais denodados "pilotos". José Maria Lisboa, que Alberto Faria chamava de "prodígio de atividade operosa" exercia a gerência, policiava a tipografia, arrecadava assinaturas, sugeria planos de publicidade, colaborava em seções do noticiário e ia adestrando uma turma de novatos que, mais tarde, ganhariam esporas de cavaleiros para as complicadas lides do jornalismo quotidiano. E, além de tudo isso, quando era preciso, em ocasiões de apêrta, "batia tipo", pois era ágil tipógrafo e secundava os trabalhos de Hilario Magro Junior e João Carneiro da Silva Braga, que eram os dois tipógrafos efetivos do jornal.

Além dos assinantes tinha o jornal boa venda avulsa, pois, o engenhoso Lisboa instituiu a novidade de mandar à rua um mulato esgaldado e lépido que embocava uma estridente corneta de caça, com fita verde e amarela, sobraçando um maço de "Gazetas" e procurando interessar, muitas vezes com pregões e falas de leiloeiro os transeuntes curiosos, na aquisição do seu jornal. Por esse ofício ganhou ele a alcunha de "Luiz Corneta". Viveu muito. Eu ainda o alcancei e o achei, nos seus últimos anos: trabalhava em decorações de igrejas e de enterros de gala, tocava um instrumento qualquer em cerimônias religiosas e desempenhava a contento funções de copista de cartório de avaliador judicial; mas dava solenes estrilos, com adequados palavões, se os garotos de rua ou os meninos de escola, sabedores de suas birras, lhe perguntavam, chasqueando: — O Luiz, onde está a corneta? Ele dava o paradeiro — mas o paradeiro era obscuro; e certamente não correspondia ao lugar exatô em que aquele trofeu de épocas distantes estava dependurado...

Com a morte de Joao Quirino do Nascimento, em 71, que desfalcava o grupo de um companheiro que era o irmão dileto de Chico Quirino e, como ele, poeta e escritor de pulso, gestor financeiro dos negocios do seu escritorio de advocacia, a "Gazeta" se cobriu de luto, logo aliviado om a entrada de Americo Brasileiro para aquela vaga. A seguir entrava para o jornal Francisco Rangel Pestana, seguido do poeta Carlos Ferreira, a quem estava reservado o destino de levar o jornal, após a morte de Chico Quirino, até seus últimos dias.

De 75 em diante o corpo de redatores e colaboradores foi crescendo e chegou a ser dos melhores do nosso país. Além do sexteto já mencionado, entraram a colaborar na "Gazeta" João Vieira de Almeida, Julio Ribeiro, Valentim da Silveira Lopes, Miranda Azevedo, Francisco Glicerio, Francisco da Costa Carvalho, João Alberto Sales, Pedro Sanches de Lemos, Martim Francisco, Silva Jardim e a turma dos novos, que foi sendo renovada, de ano para ano, com Hipólito da Silva, Tomaz Alves, Julio de Mesquita, Antonio A. da Costa Carvalho, Alfredo Pujol, Antonio e José Lobo, Herculano de Freitas, d. Julia Lopes e Otavio Mendes. Leopoldo Amarel iniciou a atividade de "reportagens" e, sob a orientação de

Carlos Ferreira, alargou a atividade para as crônicas humorísticas, abrindo uma seção que, durante mais de um ano trouxe intrigados os leitores, que procuravam saber qual o jornalista que se ocultava atrás do pseudônimo "A. D'umas Figas".

Quirino dos Santos encarregava-se da parte literaria, na qual ninguém o excedia. Seu estilo, como já alguém observou, era o de um jornalista que escrevia sempre em verso, mesmo que o fizesse em prosa. A linguagem era cheia de tropos, de arstrofes retumbantes, de imagens arrojadas, no estilo da oratoria grandiloquente que estava na moda e fazia fremir de gozo os leitores do jornal, como fazia estremecer em arrepios de entusiasmo os ouvintes dos seus discursos.

Quando se inaugurou a estrada de ferro da Companhia Paulista, trecho inicial de Jundiá a Campinas, a 11 de agosto de 1872, foi nestes termos que a "Gazeta" noticiou a chegada, a Campinas, do primeiro trem, que daqui levava a comitiva oficial, com o presidente da Provincia, diretores da estrada, convidados e jornalistas:

"Contavam-se três horas e meia quando um estremecimento estranho veio eletrizar em todos os sentidos aquela multidão enorme; ouviu-se longínquo um rugido estridente e os ecos repercutiram pelas nossas belas campinhas o ferreo galopar do misterioso hipogrifo. O que se passou nesse instante foi uma coisa que não se diz: sonha-se ou vê-se.

Girandolas, foguetes, baterias, aclamações, musicas, tudo se ergueu num impeto tão sublimo como a própria alma do povo, a perder-se numa vertigem de alegria indefinida. Espetaculo maravilhoso! Entusiasmo assim não se prepara: nasce de si mesmo, como a lava no seio dos vulcões para esbrasear a face das montanhas e derramar o calor e o brilho pela atmosfera incendiada..."

E a notícia, do próprio punho de Quirino, segue com esse palavroso e tímido que, certamente fez revibrar de gozo os leitores do jornal.

Ao lado de composições estrondosas como essa, de que a "Gazeta" está continuamente enriquecida, nas notícias de festas da cidade — inauguração da Matriz Nova, da Santa Casa de Misericórdia, de uma exposição agrícola, conferencias de propaganda abolicionista e

outras — tinha o jornal suas seções de polemicas, algumas delas levadas a debates candentes que dão ainda agora a medida do calor e do impeto dos contendores.

Os jornais dos partidos monarchicos tinham o seu corpo de redatores, alguns deles justamente acatados: "O Constitucional", do partido conservador, redatoriado pelos drs. João Gabriel de Moraes Navarro e Luiz Silverio Alves Cruz; a "Tribuna Liberal" do partido liberal, dirigido pelos drs. João Egidio de Sousa Aranha, Policarpo de Queiroz e Carlos Norberto de Sousa Aranha. Eram jornais diários, todos os três: Além deles, ali por 1865, surgiu à tona da publicidade o "Diário de Campinas", no qual se reuniram um brasileiro e dois portugueses que com o correr dos anos, alcançariam na imprensa campineira um posto de maior relevo do que os órgãos monarchistas, chegando, nalgumas campanhas, a emparelhar com a "Gazeta", por todos considerada o melhor, mais variado e prestigioso jornal da terra. Chamavam-se esses jornalistas Antonio Sarmiento, Henrique de Barcelos e José Gonçalves Pinheiro. Declarava-se órgão independente, era abolicionista, mas troçava os republicanos da "Gazeta" e algumas vezes com eles se empenhava em debates venenosos. Como corolario dessas contendas impressas, chegaram algumas vezes, a bate-boca de rua com o coroiario de tropelias e bengaladas. O bloco republicano, com Campos Sales, João Alberto e Quirino levava vantagem nesses embates musculares.

Como, porém, Quirino dos Santos não consentia que o seu jornal modelado pelo jornal do sogro, baixasse o tom das polemicas ao nível rasteiro para o qual era desafiado, teve a idéia de lançar uma espécie de filhote, folha humoristica impressa nas oficinas da "Gazeta" e denominada "O Coaraci". O "Diario de Campinas" correu ao mesmo expediente e lançou, de suas oficinas, um apêndice semanal que se chamava "O Incenso". Aquele era especialmente redigido pelo gerente da "Gazeta", Alfredo Pinheiro, e este pelo outro Pinheiro (José Gonçalves), do "Diário". É'poca de eleições; rencoques; apelidos; tiradas de ridículo, de uma a outra facção. E quando o dr. Baltazar Carneiro, homem feio e desajeitado, mas possuidor de aguda inteligencia e especialista em comprar brigas alheias, entrou para o trio do "Diário", se-

cundando Gonçalves Pinheiro no "Incenso", lançou-lhe "O Coaraci", este petardo:

Pode entrar — que eu não
[me abalo;

Pode entrar — que eu não
[empurro;

Ja cá sustento um cavallo;

Sustentarei mais um burro.

O revide do outro foi violento e descambou, como era comum, para referencias insultuosas, de carater pessoal, contra Alfredo Pinheiro. Não teve este vacilação: e, ao defrontar na praça mais central da cidade o outro Pinheiro, em companhia de Sarmento, sobre eles investiu, e fizeram larga barganha de bofetões. Quirino, passado algum tempo, determinou a extinção do moscardo espirituoso, mas provocador que brotara da sua "Gazeta", para evitar que aquele genero de polemicas tirasse ao jornal a circunspecção que este conquistara em campanhas vibrantes, mas sempre orientadas por principios ou altos ideais politicos. A morte de três filhos, a pequeno intervalo, um deles sucumbido num acidente; a falta que lhe fazia o irmão e companheiro de todos os dias, que foi João Quirino; as preocupações da politica, no desempenho de um mandato de deputado à Assembléa Provincial, e as crises de direcção e administração do jornal, em cuja gerencia se sucederam amigos devotados como Alfredo Pinheiro, Pedro Franzen e outros, nenhum, porém, tão completo e eficiente como José Maria Lisboa, que se passara, então, para a gerencia da "Provincia de São Paulo" e para a edição mais ampla dos seus almanaques — tudo isso se somou e impeliu Quirino para S. Paulo, onde fixou residencia.

Temperamento afetivo, deramando em ternuras com os filhos, mas sofrendo os golpes com que aquelas mortes seguidas lhe haviam lanhado o coração; além do mais decepcionado com algumas defeccções politicas dos amigos do partido republicano — Quirino procurou consolo na conversa com as suas Musas inspiradoras. Já não era o poeta vibrante e faucundo dos primeiros tempos, mas guardava ainda, em toda a pureza, o éstro dos anos academicos que o levantava para o céu azul dos sonhadores. Morreu em S. Paulo em 1886, com 45 anos incompletos. A "Gazeta" sobreviveu-lhe três anos, sob a direcção desanimada de Carlos Ferreira. Com a morte de Chico Quirino o grupo republicano sofreu um desfalque imenso que Campos Sales confessava numa das suas mais desconfortadas expansões:

"Quem poderá substituir o Quirino?" E' que os próprios companheiros sentiam que, para aquele poeta e idealista explosivo, cheio de expansões afetivas e coleras irrefreadas, mas de inteligencia clara e coração transbordante, não havia substituto.

E o poeta, que vivia a conversar com as suas "Estrelas Errantes", certamente reatou a conversa com os filhos aos quais se foi juntar, num mundo melhor, aligeirado de penas e sofrimentos.